



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 18 | Nº. 34 | Jan./Jun. de 2026

**Maria de Fátima de Moraes Pinho**

*Universidade Regional do Cariri / URCA*

fatima.pinho@urca.br

**Zilda Maria Menezes Lima**

*Universidade Estadual do Ceará / UECE*

zilda.lima@uece.br

**Jucieldo Ferreira Alexandre**

*Universidade Federal do Cariri / UFCA.*

jucieldo.alexandre@ufca.edu.br

**Francisco Egberto Melo**

*Universidade Regional do Cariri / URCA.*

francisco.melo@urca.br

**Sebastião Pimentel Franco**

*Universidade Federal do Espírito Santo / UFES*

sp.franco61@gmail.com

## “SEMPRE PROCUREI INVENTAR AS COISAS, IR ATRÁS E REALIZAR”: uma conversa com Sebastião Pimentel Franco.

---

### RESUMO

Entrevista realizada com o professor Sebastião Pimentel Franco, destacado pesquisador da história da saúde e das doenças no Brasil. O historiador relata que ingressou nesse campo durante o pós-doutorado, ao estudar a epidemia de cólera no Espírito Santo. Destaca a importância dos programas de pós-graduação e da ANPUH para a expansão e a regionalização dessas pesquisas. Apresenta a trajetória do Colóquio de História das Doenças, realizado anualmente, na Universidade Federal do Espírito Santo. Por fim, comenta o projeto “Histórias nas Redes”, experiência de história pública que promoveu lives e originou livros sobre diferentes temas históricos.

**Palavras-chave:** História da saúde e das doenças, Epidemias; História pública; Histórias nas Redes.

---

### ABSTRACT

Interview conducted with Professor Sebastião Pimentel Franco, a prominent researcher in the history of health and disease in Brazil. The historian discusses his entry into this field during his postdoctoral studies, when he investigated the cholera epidemic in Espírito Santo. He highlights the importance of graduate programs and ANPUH in expanding and regionalizing research in this area. He also presents the trajectory of the Colloquium on the History of Diseases, held annually at the Federal University of Espírito Santo. Finally, he discusses the “Histórias nas Redes” project, a successful public history initiative that promoted online broadcasts and resulted in the publication of books on different historical topics.

**Keywords:** History of health of diseases; Epidemics; Public history; Histórias nas Redes.

## **Apresentação**

Ao pensarmos a entrevista do dossiê “Entre o sofrimento e a cura: dinâmicas históricas da saúde e das doenças”, um nome veio imediatamente às mentes dos organizadores: Sebastião Pimentel Franco. Graduado em História (Universidade Federal do Espírito Santo) e Museologia (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), mestre em Educação (Universidade Federal do Espírito Santo) e doutor em História (Universidade de São Paulo), o professor Sebastião Franco tornou-se pesquisador da história das doenças quando da realização de estágio pós-doutoral, entre 2012 e 2013, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Na ocasião, ele desenvolveu pesquisa sobre a epidemia de cólera que atingiu a província do Espírito Santo, entre 1855 e 1856, que resultou no livro “O terrívelíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)”, publicado pela Edufes, em 2015.

Se o encontro do professor Sebastião Pimentel Franco com a historiografia das doenças tem cerca de quinze anos, impressiona como nesse curto espaço de tempo tornou-se liderança incontestável no campo de estudos. A produção do historiador na área da história das doenças é consolidada: doze obras organizadas, trinta e quatro capítulos de livros e dezoito artigos em periódicos publicados entre 2012 e 2026. Entre os livros organizados, há destaque para a coletânea “Uma história brasileira das doenças”. Desde 2013, quando foi publicado o volume quatro da coleção, o professor Sebastião Franco figura entre os organizadores. A coletânea firmou-se como o principal projeto editorial de divulgação das pesquisas realizadas em todo o país a respeito da saúde e das doenças.

Desde 2013, Sebastião Franco fez da Universidade Federal do Espírito Santo a sede do Colóquio de História das Doenças, realizado em parceria com instituições como Fundação Oswaldo Cruz, Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Federal de Ouro Preto. O evento reúne anualmente pesquisadores brasileiros de diferentes regiões, oferecendo painel atualizado e interdisciplinar sobre campo de investigação que tem se fortificado, especialmente na pós-graduação. Os desafios de organizar o colóquio foi tema da nossa entrevista.

Tendo orientado inúmeros historiadores na graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado, Sebastião Franco fez parcerias que dão bons frutos e o levam sempre a inovar. Exemplo disso foi o projeto de extensão “Histórias nas Redes”. Nascido no turbilhão da pandemia da corona vírus, em 2020, o projeto surgiu da iniciativa do professor com três orientandos de pós-graduação. O resultado foi um bem-sucedido

exemplo de ação de história pública, ao promover a divulgação do conhecimento histórico por meio de cento e trinta e cinco lives na plataforma Youtube. Além das milhares de visualizações, as lives do “Histórias nas Redes” deram origem a três livros, com destaque para o terceiro volume, publicado em 2025, intitulado “História, saúde e doenças”, que traz, em textos curtos e de linguagem acessível ao grande público, adaptação das lives dedicadas aos temas relacionados à saúde e às doenças.

Antes de expormos a entrevista, destacaremos coincidência simbólica: o nosso convidado nasceu aos 20 de janeiro, dia de São Sebastião. Desde a antiguidade, o santo era invocado como protetor contra as epidemias, tendo vivido auge devocional no século XIV, quando da pandemia de peste bubônica que dizimou entre um terço e metade da população europeia. No Brasil, o santo cravejado de flechas tem imensa popularidade desde o período colonial. Como demonstrou a pandemia do corona vírus, o santo continua sendo acionado pelos fiéis que buscam proteção contra as doenças contagiosas. Quiz o destino que um historiador brasileiro homônimo do santo patrono contra a peste se tornasse um intérprete das experiências humanas frente o adoecer.

Sem mais delongas, vamos à entrevista do professor Sebastião Pimentel Franco.

**Zilda Menezes: Professora Sebastião, Desde a década de 2010, o senhor conquistou lugar de destaque no campo da história da saúde e das doenças. Como as pesquisas sobre o tema entraram em sua trajetória acadêmica?**

**Sebastião Pimentel Franco:** Primeiramente, eu gostaria de agradecer o gentil convite para conversar com vocês sobre diversas temáticas sobre a história da saúde das doenças.

Bom, as minhas pesquisas no campo da história da saúde das doenças e das práticas de se iniciaram quando eu decidi fazer o meu pós-doutorado. Eu resolvi que no pós-doutoramento eu ia escolher uma temática que até então eu não tinha pesquisado em minha vida.

E como há muitos anos atrás uma aluna de graduação se propôs a fazer uma monografia sobre epidemias no Espírito Santo, Eu retomei esse tema e escolhi uma das epidemias que ocorreu no século XIX, que foi a epidemia de cólera que avassalou todos os continentes e chegou ao Brasil em 1855 e 1856. E eu resolvi fazer uma pesquisa especialmente sobre a passagem dessa epidemia na província do Espírito Santo. Então, as minhas pesquisas se iniciaram exatamente aí.

**Fátima Pinho:** Ao longo das últimas décadas, ampliaram-se as temáticas e a abrangência geográfica das pesquisas sobre saúde e doenças no Brasil. Como o senhor avalia a produção de pós-graduação sobre tais assuntos?

**Sebastião Pimentel Franco:** A temática e história da saúde das doenças se iniciava, bem da verdade, por volta da década de 50, na França e na Inglaterra, quando pesquisadores se debruçaram sobre as epidemias e procuraram verificar de que forma as epidemias impactaram na vida das populações.

No Brasil, essa temática só vai se efetivar a partir dos anos 70, talvez influenciada pela passagem do Michel Foucault pelo Brasil. No entanto, foram os cursos de pós-graduação espalhados pelo país que alavancaram essa produção, e essa produção possibilitou que a gente tivesse um conhecimento muito mais amplo, porque até a década de 90, até início dos anos 2000, se pesquisava muito os grandes centros: Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul, e, em geral, ao se pesquisar esses grandes centros, se buscava generalizar os conhecimentos para todo o país, esquecendo-se, então, as particularidades que a história local de cada região tem.

E, a partir da criação dos programas de pós-graduação, os pesquisadores de diversas localidades do Brasil começaram a se debruçar sobre temáticas locais. Isso possibilitou então que nós tivéssemos uma compreensão mais larga dos acontecimentos, mas não mais só localizados nos grandes centros, mas pulverizados por diversas regiões do país. Eu diria que um outro grande momento foi a criação do GT, da Associação Nacional de História - ANPUH, da temática História da Saúde e das Doenças, por volta dos anos 2000, 2003, isso também alavancou bastante essa produção historiográfica sobre a temática.

**Jucieldo Alexandre:** O Colóquio de História das Doenças, realizado na Universidade Federal do Espírito Santo, sob sua liderança, tem ocupado espaço relevante na divulgação da historiografia da saúde e doença, inclusive sendo a base para a coletânea “Uma história brasileira das doenças”. Como cada edição do evento é pensada e quais os maiores desafios enfrentados para a realização de um colóquio anual?

**Sebastião Pimentel Franco:** O Colóquio de História das Doenças, ele surgiu, ele vem se realizando aqui no Espírito Santo ao longo desses últimos 14 anos e ele surgiu em

função do meu pós-doutoramento. No meu pós-doutoramento eu defini que, entre outras tarefas, eu ia produzir um Colóquio de da história das doenças.

Na época procurei a professora Dilene Raimundo Nascimento da Fiocruz, fizemos uma parceria e iniciamos então esses estudos de história das doenças e é interessante que nós buscamos até mesmo em função de uma particularidade, que eu sou de um estado mais periférico, que é Espírito Santo, eu busquei sempre, juntamente com a professora Adelene, de nós contemplarmos a diversidade do país, procurando então temáticas diversas sobre a história da saúde das doenças, mas pegando também pesquisadores de diversos estados da federação.

Bom, esse colóquio deu muito certo, ele acabou se consolidando e, como disse, já tem 14 anos que a gente vai realizar agora o 14º colóquio, nos dias 10 e 11 de novembro na Universidade Federal de Espírito Santo. As dificuldades para fazer isso foram enormes. No Brasil, fazer eventos não é uma tarefa fácil, é um trabalho hercúleo. Eu sempre costumo dizer que é com muita dificuldade. Mas, desde quando eu ingressei na universidade, eu aprendi uma coisa, se você quer fazer, você não pode contar que terá as condições propícias para fazer. Você tem que criar essas condições.

Então, eu sempre procurei na minha trajetória já são mais de 40 anos de universidade, eu sempre procurei inventar as coisas e ir atrás e realizar.

É claro que essa agência de fomento não consegue atender a todos os pesquisadores, a gente tem que concorrer a editais e às vezes ganha, às vezes não ganha, mas na maioria das vezes nós temos sido contemplados, sobretudo com a agência de fomento local, que é a FAPS, que é a Fundação de Pesquisa do Espírito Santo, e temos conseguido realizar esse evento.

Esses agentes de fomento não conseguem cobrir todos os custos do evento, a gente tem que buscar outras parcerias, mas a gente tem conseguido ser bastante exitoso e conseguido realizar já 14 eventos, e esse evento é anual. Eu costumo brincar que o nosso colóquio é igual ao Carnaval, todo ano tem.

**Egberto Mello: Durante a pandemia da Covid-19, o professor coordenou o projeto “Histórias nas Redes”. Como o senhor analisa essa experiência exitosa de história pública?**

**Sebastião Pimentel Franco:** O projeto Histórias nas Redes surgiu realmente durante a pandemia e foi, na verdade, uma iniciativa dos meus orientandos. Ex-orientandos e

orientandos inventaram essa moda e disseram, professor, vamos fazer um projeto através da internet para a gente divulgar os conhecimentos sobre história?

Eu falei: olha, eu sou ruim de tecnologia.

E eles falaram: não, a gente vai, a gente ajuda o senhor e a gente vai fazer.

E aí eu topei a parada e fomos fazendo. Sem estrutura alguma, entre nós mesmos que nos viramos.

Depois eu consegui um edital, arrumamos um bolsista da área de web design. Para que pudéssemos abrir salas, fechar salas. E aí, fazendo o convite, nós fomos. Era um projeto que, na verdade, ele se iniciou com uma proposta de divulgar os trabalhos dos meus, orientando-os, do Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Federal do Espírito Santo.

Mas, o projeto começou a crescer e aí nós começamos a ser ousados e começamos a escolher temáticas. Então, fizemos diversas temáticas sobre a história do Espírito Santo, sobre a história da saúde e das doenças. Enfim, sobre o 900, sobre o 800, nós fomos inventando muita, muita moda.

Foi um projeto que deu muito certo. Ele acontecia todas as terças-feiras através do canal. Nós começamos com um canal que era emprestado, depois nós criamos o nosso próprio canal. E assim, a gente ficava muito surpreso com as visualizações a cada semana das lives que nós realizávamos. Eram lives que ocorriam, como eu disse, todas as terças-feiras e nós tínhamos dois convidados por terça-feira.

Hoje, nós resolvemos, depois que o projeto se encerrou, nós resolvemos produzir livros a partir dessas falas dos nossos convidados no Projeto História nas Redes. E já estamos com três livros publicados, um sobre o Espírito Santo, no 900, um sobre o Espírito Santo na Primeira República e um sobre história, saúde e doenças. E agora já estamos pensando no quarto volume.

Foi um projeto que particularmente eu tinha muito receio de realizar. Como eu disse, eu não domino tanto tecnologia, igual essa meninada nova. Mas que deu tão certo e eu fui entrando de cabeça e foi um projeto muito exitoso.

---

***Maria de Fátima de Moraes Pinho***

Doutora em História Social pelo programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional do Cariri (2002), possui especialização em Planejamento Educacional pela Universidade Vale do Acaraú (1998) e graduação em História pela Universidade Regional do Cariri

(1992). Professora Associada N do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri. Tem como áreas de atuação: Ensino de História; História do Brasil, Ceará e Cariri; desenvolve pesquisas com ênfase nos seguintes temas: Representação Social, História e Imprensa, Imaginário, Cultura e Religiosidade popular, padre Cícero devoção e imaginário popular; Ensino de História Local; A gripe espanhola. Professora do Mestrado em Ensino de História - ProfHistória/URCA/UFRJ

---

#### ***Zilda Maria Menezes Lima***

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (1988), mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1999) e doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Realizou Estágio Pós-Doutoral em Indiana University (2014). Atualmente é professora associada da Universidade Estadual do Ceará (Campus do Itaperi) no curso de História (graduação) e também na Pós (PPGHCE). Tem experiência na área de História, com ênfase no campo da História da Saúde e das Doenças.

---

#### ***Jucieldo Ferreira Alexandre***

Professor Adjunto III da Universidade Federal do Cariri, atuando no curso de Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) da UFCA. Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense, tendo a tese recebido o Prêmio Melhores Teses do programa no ano de 2021. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Licenciado em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Pró-Reitor Adjunto de Extensão e Coordenador de Políticas Extensionistas da Universidade Federal do Cariri. Atuou como Gerente da Divisão de Fortalecimento e Apoio às Ações de Extensão, na Pró-reitora de Extensão da UFCA, entre março de 2021 e julho de 2024.

---

#### ***Francisco Egberto Melo***

Professor da área de Ensino de História da Universidade Regional do Cariri (URCA). Mestre em História Social e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Líder do Núcleo de Pesquisa Ensino, História e Cidadania - NUPHISC/CNPq. Foi Pró-Reitor de Ensino de Graduação da Universidade Regional do Cariri (2015-2019). Tem experiência em ensino e pesquisa na área de Educação e História, com ênfase em História da Educação e Ensino de História, atuando principalmente nos seguintes

temas: Formação de Professores; Ensino de História; Educação, cultura e história; Metodologia do ensino de História; Educação, Estado e políticas públicas; Educação, biopoder, espaços escolares e não escolares; Efemérides, ensino de História e História Pública, Currículo e Ensino de História.

---

### **Sebastião Pimentel Franco**

Licenciado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (1977). Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1981). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (1994). Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (2001). Pós-Doutor em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2013). Exerceu o cargo de Pró-Reitor da Universidade Federal do Espírito Santo entre 2010-2012. É Professor Titular aposentado da Universidade Federal do Espírito Santo onde atua no Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, entre 2013 a 2017. Bolsista Pesquisador Capixaba de 2023-2025. Atualmente é também professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré e bolsista Pesquisador Produtividade do CNPq/FAPES Áreas de atuação: Estudo das políticas públicas na área de educação implementadas pelos governos imperiais e republicanos, História da Medicina, com ênfase na História da saúde e representação social das doenças e História do Brasil e do Espírito Santo no Oitocentos. Participante do Grupo de Pesquisa História, Poder e Linguagens.